

QUINTA-FEIRA

Os esquiadores já haviam ido embora, e o sol, que mal desaparecera atrás dos cumes rochosos de um cinza-azulado, onde algumas nuvens se haviam empilhado, coloria a neve de cor-de-rosa. A lua esperava a escuridão para iluminar todo o vale até a manhã seguinte.

Os teleféricos estavam parados e os chalés nas partes mais elevadas haviam apagado as luzes. Só se ouvia o ruído dos motores dos gatos de neve que andavam para cima e para baixo para nivelar as pistas de esqui escavadas em meio aos bosques e rochedos nas encostas da montanha.

No dia seguinte começaria o fim de semana, e a estação de esqui de Champoluc ficaria cheia de turistas prontos para rasgar a neve com as lâminas. Um trabalho minucioso estava sendo feito.

Amedeo Gunelli havia sido encarregado da pista mais longa. A Ostafa. Um quilômetro de comprimento por uns sessenta metros de largura. Era a pista principal de Champoluc, a que servia tanto para instrutores de esqui com seus alunos novatos quanto aos esquiadores experientes para provar a sua habilidade. Era a que demandava mais trabalho, a que perdia o manto nevado já na hora do almoço. Na verdade, estava descoberta em muitos pontos. Pedras e terra a desfiguravam, principalmente no meio.

Amedeo havia começado do alto. Ele fazia esse serviço havia só três meses. Não era difícil. Bastava se lembrar dos

comandos daquele brutamontes com esteiras e ter calma. Essa era a coisa mais importante. Calma, e nenhuma pressa.

Ele tinha colocado os fones de ouvido do iPod com os sucessos de Ligabue e tinha acendido o baseado que o chefe dos gatistas*, Luigi Bionaz, seu melhor amigo, lhe havia dado. Era graças a ele que Amedeo tinha um emprego e levava mil euros por mês para casa. Sobre o banco ao lado ele havia colocado a garrafinha com grapa e o walkie-talkie. Tudo estava pronto para as horas de serviço.

Amedeo tirava a neve das bordas, a espalhava pelos pontos mais expostos, a cortava com as lâminas enquanto os rolos a alisavam, tornando a pista uma mesa de bilhar. Era competente, o Amedeo; só que ficar ali sozinho não era do gosto dele. Sempre se pensa que quem vive na montanha ama a vida solitária e é um pouco antissocial. Nada mais errado. Ou, pelo menos, nada de mais errado no caso de Amedeo. Ele gostava das luzes, do agito, das pessoas e de jogar conversa fora até o amanhecer.

*Una vita da medianooooo... *** cantava, se esgoelando, para fazer companhia a si mesmo. Sua voz ressoava nas janelinhas de acrílico enquanto fixava o olhar na neve que, sob os raios da lua, estava ficando cada vez mais azul. Se tivesse erguido o olhar, teria visto um espetáculo de tirar o fôlego. O céu lá no alto estava azul-escuro, como as profundezas marinhas. Os topos das montanhas, em contraste, estavam cor de laranja. Os últimos raios oblíquos do sol coloriam as geleiras eternas de roxo e as bordas das nuvens de cinza-metálico. Sobre tudo

* Que dirige o “gato”, veículo com esteira que alisa as pistas de esqui. (N.E.)

** Uma vida comum... (N.T.)

isso dominavam, imponentes, os flancos escuros dos Alpes. Amedeo bebeu um golinho de grapa e lançou um olhar para o vale. Um presépio de estradas, casinhas e luzinhas. Um espetáculo de sonho para quem não tivesse nascido no meio daqueles vales. Para ele, um diorama esquálido e desolador.

*Certe notti la radio che passa Nil Jàng sembra avere capito
chi seiiii....**

Ele tinha terminado o paredão inicial. Virou a máquina para descer na direção do segundo trecho e se encontrou diante do início de uma pista negra. Metia medo. Uma extensão de gelo e de neve da qual não se via o fim.

Só quem trabalhava havia anos e manobrava o gato de neve como um triciclo se aventurava a atravessar aquela serpentina íngreme que levava à bifurcação. E, de qualquer maneira, aquele ponto ali não se alisava. Deixavam-no daquele jeito. Era estreito demais. Se as esteiras fossem mal posicionadas, você se arriscava a capotar, e aquele brutamontes cairia por cima de você com todas as suas toneladas. Os próprios esquiadores, passando e tornando a passar, acabavam alisando a neve. Só uma vez por mês alguém ia lá com as pás, quando a situação ficava dramática e era preciso de qualquer modo aplainar as massas geladas que se formavam. Caso contrário, sobre aqueles blocos e placas de gelo, ligamentos e meniscos se rompiam que era uma beleza.

O walkie-talkie apoiado no banco piscava. Alguém o estava chamando. Amedeo tirou os fones de ouvido e pegou o rádio.

– Amedeo falando.

* Algumas noites, a rádio que toca Neil Young parece ter entendido que você é... (N.T.)

A engenhoa chiou, depois em meio à estática surgiu a voz do chefe, Luigi:

– Amedeo, onde é que você está?

– Estou bem na frente do paredão, no alto.

– Já está bom assim. Desça pro vale e faça o trecho lá embaixo, no povoado. Eu cuido de lá de cima.

– Obrigado, Luigi.

– Escute – acrescentou Luigi –, lembre que, para descer ao povoado, você tem que pegar o atalho.

– Você quer dizer a estradinha?

– É, aquela que sai do Crest; assim você não passa pela pista que o Berardo está fazendo. Passe pelo atalho, entendeu?

– Entendido. Obrigado!

– Obrigado, o quê! Você me deve um vinho branco antes do jantar.

Amedeo sorriu.

– Prometido!

Tornou a colocar os fones, engatou a primeira marcha e saiu da pista.

Balliamo un fandango... ohhhh... voltou a cantar.*

No céu, as nuvens haviam se compactado de repente e tinham escondido a lua. É sempre assim, na montanha basta um segundo e o tempo muda com a velocidade do vento nas alturas. Amedeo sabia disso. A previsão para o fim de semana era péssima.

Os faróis potentes da máquina iluminavam a pista e a massa de troncos de abetos e lariços nas bordas. Entre os ramos escuros das árvores ainda se viam as luzes de Champoluc.

* Vamos dançar um fandango... (N.T.)

*Balliamo sul mondooooo ooh.**

Tinha de passar na frente da escola de esqui e das garagens dos gatos para depois descer na direção do povoado e recomeçar a arrumar a pista lá de baixo.

Jogou a guimba queimada do baseado pela janelinha. Nesse instante, os faróis de outro gato o atingiram. Colocou a mão na frente dos olhos. O veículo que vinha em sentido contrário se aproximou. Era Berardo, um colega seu.

– Que é isso, tá maluco? Você me deixou cego!

– Eh... eh... – o idiota dava risadinhas.

– Escute, o Luigi cuida lá do alto. Eu vou descer para fazer o fim da pista, na cidadezinha.

– Entendi – respondeu Berardo, que já estava com o nariz vermelho –, e esta noite tomamos um vinhozinho branco lá no Mario e Michael?

– Eu tenho de pagar para o Luigi, é a minha vez. Vou descer lá pro fim da pista! – berrou Amedeo.

– Passe pela estradinha do Crest, que a pista lá embaixo eu já fiz!

– Tranquilo, passo pelo atalho! Até mais!

Berardo prosseguiu pela estrada. Amedeo, por causa das ordens recebidas, virou na direção do Crest, um pequeno aglomerado de chalés acima das pistas. Quase todos estavam desabitados, com exceção de um refúgio e umas pequenas *villas* de genoveses que amavam o esqui mais que a sua cidade. Dali, passando pelos bosques, chegaria ao atalho que o conduziria oitocentos metros mais para baixo. Daria uma alisada na chegada da pista lá no povoado e depois, finalmente, teria

* Vamos dançar no mundooooo... (N.T.)

o vinhozinho branco e as conversas e risadas com os ingleses já bêbados. Passou pelas poucas luzes do vilarejo. Deixou-o para trás. A estradinha que servia para a passagem dos gatos era clara e visível.

*Ti brucerai, piccola stella senza cielo...**

Começou a descer devagar por aquele caminho que só no verão era usado pelos 4x4 para chegar ao vilarejo de Crest. Os faróis colocados no teto iluminavam o atalho como se fosse a luz do dia. A possibilidade de sair da pista era praticamente nula.

Ti brucerai...

Nenhum problema. As esteiras funcionavam à perfeição. Apenas a cabine havia se inclinado como um carrossel do Luna Park. Mas até era divertido.

Ti bruceraiiii...

E então a lâmina bateu em alguma coisa dura e o gato balançou nas esteiras. Amedeo se virou para ver o que o veículo havia atingido. Uma pedra, ou terra. Pela janela traseira, as luzes iluminavam a neve revirada da trilha.

Havia algum problema, ele percebeu na hora, bem no meio da estradinha.

Um borrão sujo com pelo menos uns dois metros de comprimento.

Freou.

Tirou o iPod, desligou o motor e desceu para verificar.

Silêncio.

Os sapatos pesados afundavam na neve. No centro da estradinha havia uma mancha.

* Você vai se queimar, estrelinha sem céu... (N.T.)

– Caramba, que que é isso?

Foi andando. À medida que se aproximava, o borrão no meio do atalho mudava de cor. Primeiro, parecia negro; outras vezes parecia arroxeadado. O vento soprava debilmente entre os galhos dos abetos e espalhava penas por todos os lados.

“Uma galinha? Atropelei uma galinha!?”, pensou Amedeo.

Continuava a andar pela neve alta, afundando uns dez centímetros a cada passo. As penas sobre a neve se erguiam em pequenos rodaminhos. Agora a mancha havia ficado marrom.

“Mas que merda é essa que eu atropelei? Um animal?”

E não tinha visto? Com aqueles sete faróis halógenos? Além do mais, com o barulho o bicho teria fugido.

Estava quase pisando na mancha com os sapatos pesados quando finalmente viu do que realmente se tratava: um borrão de sangue vermelho, misturado ao manto imaculado da neve. Era enorme, e, a não ser que tivesse atropelado um galinheiro inteiro, para uma ave só todo aquele sangue era demais.

Contornou a mancha até chegar ao ponto onde o vermelho era mais intenso, quase brilhante. E se abaixou para olhar melhor.

E viu.

Saiu correndo, mas não conseguiu chegar ao bosque. Vomitou por todo o atalho do Crest.

Um telefonema no celular àquela hora da noite era uma encheção de saco, tão certo como uma carta registrada da Equitalia.* O subchefe Rocco Schiavone, nascido em 1966,

* Empresa estatal responsável pela cobrança de impostos na Itália. (N.E.)

estava deitado na cama e fitava a unha do dedão do pé direito. Tinha ficado preta. Culpa da caixa do arquivo que D’Intino havia deixado cair sobre o pé dele enquanto procurava, histórico, um pedido de passaporte. O doutor Schiavone odiava o policial D’Intino. E, naquela tarde, depois da enésima pisada de bola do policial, tinha prometido a si mesmo e a todos os cidadãos de Aosta que faria de tudo para mandar aquele idiota para alguma delegacia perdida no meio da Basilicata.

O subchefe esticou o braço e agarrou o Nokia que não parava de tocar. Olhou a tela. O número era o da sede da polícia.

Uma encheção de saco de oitavo grau. Se não fosse do nono.

Rocco Schiavone tinha uma escala muito especial de avaliação das encheções de saco que a vida, insensivelmente, lhe infligia a cada dia. A escala começava do sexto grau, ou seja, tudo aquilo que dissesse respeito às tarefas domésticas. Ida a lojas, encanadores, aluguel. No sétimo se encontravam, por sua vez, os centros comerciais, o banco, os correios, os laboratórios de análises clínicas, os médicos em geral, com uma atenção especial aos dentistas, para terminar com os jantares de negócios ou com a família, que, pelo menos esta, com a graça de Deus, tinha ficado em Roma. O oitavo grau compreendia em primeiro lugar falar em público, depois as questões burocráticas do serviço, a encenação, prestar contas a comissários ou magistrados. No nono, as tabacarias fechadas, os bares sem sorvetes Algida, encontrar alguém que começasse a tagarelar sem parar e, acima de tudo, as tocaias com policiais que não tomavam banho. Depois, por último, havia o décimo grau da escala. O *non plus ultra*, a mãe de todas as encheções de saco: o caso que lhe jogavam nas costas.

Ele se apoiou com o cotovelo no colchão e respondeu:

– Quem tá me enchendo?

– Doutor, é o Deruta.

O agente Deruta. Cem quilos de massa corpórea inútil, competindo com D’Intino para ver quem era o mais incompetente da delegacia.

– O que você quer, Michele? – berrou o subchefe.

– Temos um problema. Nas pistas de Champoluc.

– Onde temos um problema?

– Em Champoluc.

– E onde fica isso?

Rocco Schiavone havia sido mandado para Aosta em setembro, vindo da delegacia Cristoforo Colombo, em Roma. E depois de quatro meses, tudo que ele conhecia do território de Aosta e da província ao redor eram sua casa, a delegacia, a procuradoria e o restaurante dos artistas.

– Champoluc fica em Val d’Ayas! – respondeu Deruta, quase escandalizado.

– Mas o que é que isso quer dizer? O que é Val d’Ayas?

– O Val d’Ayas, doutor, o vale acima de Verres. Champoluc é o povoado mais famoso. Onde se esquia.

– Tá bom. Mas e daí?

– Umhas horas atrás encontraram um cadáver.

Um cadáver.

Schiavone deixou cair no colchão a mão que segurava o celular e fechou os olhos, xingando entredentes:

– Um cadáver...

Décimo grau. Era mesmo uma encheção de saco de décimo grau. E talvez até *cum laude*.*

* Com grande louvor. Em latim no original. (N.T.)

– Está me ouvindo, doutor? – esganiçava o telefone.

Rocco levou o aparelho ao ouvido. Bufou.

– Quem vai comigo?

– Escolha. Eu, ou o Pierron.

– Italo Pierron, sem a menor sombra de dúvida! – respondeu rapidamente o subchefe.

Deruta recebeu a ofensa com um silêncio prolongado.

– Deruta? Você dormiu?

– Não; pode falar, doutor.

– Diga pro Pierron vir com a BMW.

– Talvez, para a montanha, seja melhor o jipe, não?

– Não. A BMW é confortável, tem aquecimento, o rádio funciona, e gosto dela. No jipe vão os infelizes da florestal.

– Então mando o Pierron pegar o senhor em casa?

– E fale para ele não interferir.

Jogou o telefone na cama e fechou os olhos, pondo a mão sobre eles.

Percebeu o rumorejar da camisola de Nora. Depois o peso dela sobre o colchão. Depois os lábios dela e o hálito morno na sua orelha. E, por fim, os dentes no lóbulos. Em outro momento, a atividade certamente o teria excitado, mas nesse momento as preliminares de Nora o deixaram totalmente indiferente.

– O que está acontecendo? – perguntou Nora, com um fio de voz.

– Era da delegacia.

– E?

Rocco se ergueu e se sentou na cama sem nem olhar a mulher. Lentamente, calçou as meias.

– Não pode falar?

– Não estou com vontade. Serviço. Deixa pra lá.

Nora consentiu. Afastou um cacho de cabelo que havia caído sobre os olhos.

– E você tem de ir embora?

Rocco finalmente se voltou para olhá-la.

– E o que você acha que eu estou fazendo?

Nora estava ali, deitada na cama. O braço apoiado na cabeça deixava à mostra a axila perfeitamente depilada. A camisola de cetim cor de vinho lhe acariciava o corpo, destacando com jogos de sombra e de luz as curvas generosas. Os cabelos longos, lisos e castanhos emolduravam o rosto branco como a neve. Os olhos negros pareciam duas azeitonas pugliesi recém-colhidas da árvore. Os lábios eram finos, mas ela sabia passar o batom de forma que parecessem mais grossos. Nora, um belíssimo exemplar de mulher que mal havia passado dos quarenta anos.

– Mas você podia ser um pouco mais gentil.

– Não – respondeu Rocco. – Não posso. É tarde, tenho de ir para o meio das montanhas, a noite com você foi pros quintos dos infernos, e talvez em pouco tempo até comece a nevar!

Ele se levantou da cama com um salto e foi sentar-se na poltrona para calçar os sapatos: Clarks – Rocco Schiavone não conhecia outro tipo de sapato. Nora permaneceu deitada na cama. Ela se sentia um pouco ridícula, maquiada e vestida de cetim. Uma mesa posta para nenhum convidado. Sentou-se.

– Que pena. Para o jantar, eu tinha preparado *raclette* pra você.

– O que é? – perguntou, emburrado, o subchefe.